

# 1

## Introdução

### 1.1.

#### A ciência e a técnica

A ciência e a técnica são capazes de continuar se acumulando sem encontrar nenhum obstáculo. Sua busca não é só um direito mas também um importante dever do sujeito do conhecimento, dotado das faculdades para tal. À medida que cresce o patrimônio cognitivo coletivo, o conhecimento individual se torna cada vez mais fragmentário. Aqui está se falando dos participantes do processo científico, dos pesquisadores e especialistas. Este saber acumulado se torna cada vez mais esotérico, menos compreensível aos leigos, excluindo, assim, da sua observação, a maior parte dos contemporâneos. Seguir adiante nos desafios do conhecimento é um dever supremo; se o preço é alto, deverá ser pago de qualquer forma.<sup>1</sup>

As diversas utopias políticas ou literárias incluem deliberadamente a tecnologia em seus projetos, quando elas próprias não são tecnológicas. No essencial, pode-se esperar que a utopia sirva para fomentar ou entravar o avanço tecnológico, ou seja, pode desejá-lo ou temê-lo. Diferente da ciência, o progresso pode não ser desejável, mas partilha com ela – sua criadora, que se tornou sua gêmea – a ideia de que o seu movimento autônomo é um fato unívoco, no sentido de que cada novo passo seja a superação do anterior. O que vale a pena reter no caso da ciência e da técnica, em especial depois da sua simbiose, é a história de ambas - se há uma história de êxito, essa é a história tanto da ciência quanto a da técnica; um êxito contínuo, condicionado por uma lógica interna, e portanto prometendo seguir assim no futuro. Na técnica, esse êxito faz com que a aventura prometéica se desloque, diante da consciência comum, do papel de um simples meio para o de finalidade, mostrando-se a “conquista da natureza” como a vocação da humanidade: o *homo faber* ergue-se diante do *homo sapiens*, e o poder externo aparece como o supremo bem – para a espécie, obviamente, não para os

---

<sup>1</sup> JONAS, Hans. *O Princípio responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006, p. 269-270.

indivíduos. No que tange à moral, a ciência e a técnica com ela se relacionam de diversas maneiras. Em relação à ideia de progresso, coloca-se a questão sobre se o seu progresso contribui para uma moralização geral. Uma vez que a dedicação à ciência é em si um bem moral, a ciência pode exercer um efeito moralizante sobre seus executores, mas ela não o faz em virtude dos seus progressos e nem por seus resultados, mas graças à sua atividade contínua, ou seja, à sua disciplina.<sup>2</sup>

A sociedade como um todo é afetada sobretudo por aquilo que a técnica libera no mundo e assim, efetivamente pelo seu progresso, já que esse é um progresso de resultados. O predomínio da vulgaridade nas bênçãos tecnológicas torna isso altamente improvável, mesmo que não considerasse o enorme atrofamento dos indivíduos sob a compulsão maciça, objetiva e psicológica da ordem tecnológica.<sup>3</sup>

Se todas as relações entre o ser humano e a realidade são relações de significado, pode-se perguntar: quais são os significados criados a partir da relação entre o cientista e o seu objeto de estudo? Se olharem as características do método científico, se verá que as relações entre sujeito e objeto do conhecimento na experimentação são, classicamente, relações de dominação: o ser humano domina, de certa forma violenta, o dinamismo natural dos seres colocando-os em situações controladas para verificar como se comportam e, assim, poder conhecer e manipular seu dinamismo. O universo das modernas ciências empíricas é mecânico e passível de dominação.<sup>4</sup>

Num mundo de dominação, nenhuma criatura é companhia para o dominador. Seu drama é viver em estado de permanente solidão, impossibilitado de compartilhar sua vida com seus dominadores. Assim, o drama da ciência moderna é modelar uma realidade definida por relações de dominação na qual os demais significados da realidade tendem a não estar presentes. Nesse mundo da funcionalidade, as coisas são conhecidas na medida em que são dominadas e o próprio ser humano não pode ser entendido apenas dessa forma. Por isso, as relações de significado estabelecidas por esta funcionalidade não são capazes de criar uma ética adequada.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> JONAS. *O Princípio responsabilidade*, p. 271-272.

<sup>3</sup> JONAS. *O Princípio responsabilidade*, p. 272-273.

<sup>4</sup> NETO, Francisco Borba Ribeiro. *Conhecimento e Bioética*. In: RAMOS, Dalton Luiz de Paula. *Bioética*. Pessoa e Vida. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009, p. 79.

<sup>5</sup> NETO. *Conhecimento e Bioética*, p. 79-80.

Desse modo, a bioética precisa mergulhar no exótico e criticamente preparar a humanidade para o diálogo com coisas estranhas e inéditas. A bioética torna-se ainda mais relevante quando se percebe que todo o avanço biotecnocientífico não está desarticulado de uma proposta de sociedade e participa, como agente poderoso, do jogo de ideologias e poder da sociedade. Quem se dedica à bioética deve estar atento, pois a vontade de poder pode por em perigo as etapas da pesquisa, gerando informações erradas, deturpando as finalidades, contrariando as regras deontológicas, as regras da sabedoria que a humanidade construiu progressivamente.<sup>6</sup>

Diante desse horizonte rico de perspectivas que me propus a refletir, até onde a humanidade chegará? Poderão ocorrer desvios? Neste conjunto de intrincadas relações diante do paradigma econômico, alguns levam vantagens? Há perdedores? O progresso biotecnocientífico é uma conquista que não poderá ser interrompido. Para tanto, é preciso elaborar critérios, limites éticos, para que este progresso científico continue, porém, de forma equilibrada e responsável.

Academicamente, como teólogo e professor de teologia (antropologia teológica e teologia moral), qual seria a contribuição real da teologia neste grande diálogo com o mundo biotecnocientífico, com o intuito de colaborar na construção destes critérios e limites éticos? É possível uma teologia pública?

## 1.2.

### **Um olhar a partir do pensamento de Hans Jonas**

Diante dessa problemática, Hans Jonas propõe ao pensamento e ao comportamento humano uma nova ética. A ética tradicional, segundo ele, fundava-se e acontecia apenas dentro dos limites do ser humano, não afetando a natureza das coisas extra-humanas. A natureza não era objeto da responsabilidade humana, pois cuidava de si mesma. A ética tinha a ver apenas com o aqui e o agora. Em substituição aos antigos imperativos éticos (entre os quais o imperativo kantiano, que se constitui no parâmetro exemplar “Age de tal maneira que o princípio de tua ação se transforme numa lei universal”) Jonas propõe um novo imperativo: “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com

---

<sup>6</sup> SANCHES, Mário Antonio. *Bioética ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 16.

a permanência de uma vida humana autêntica”, ou, formulado negativamente, “não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na Terra”.<sup>7</sup>

É notório que a preocupação de Jonas recai sobre uma exigência de universalização e de integridade da vida humana, estabelecendo um paradigma antropocósmico sobre nossa responsabilidade. Assim, ele propõe uma metamoral que escapa às estruturas do tempo presente e da pretensa imputabilidade que hoje gozam os meios técnicos. A ação humana deve levar em conta as consequências de um futuro além de sua existência limitada, mas deve abarcar as futuras gerações. Essa é outra característica do pensamento de Hans Jonas, pois assume um caráter de não reciprocidade, uma vez que, o futuro não nos dará nada em troca pelo nosso bem proceder responsável de hoje, algo que podemos chamar de "gênese, ágape laica".

Ao formular, então, o seu imperativo de responsabilidade tornado princípio, Jonas está pensando tanto no perigo da pura e simples destruição física da humanidade quanto na sua morte essencial, aquela que advém da desconstrução e da aleatória reconstrução tecnológica do ser humano e do ambiente. Jonas está apontando para a existência de uma interação entre a pesquisa e o poder. Essa nova configuração da ciência leva a um conhecimento anônimo que não é mais produzido para obedecer à verdadeira função do saber durante toda a história da humanidade: a de ser incorporada nas consciências, na busca meditada e ponderada da qualidade da vida humana.

O imperativo tecno-lógico elimina a consciência, elimina a liberdade em proveito de um determinismo. A hiperespecialização das ciências mutila e desloca a noção de ser humano. Esse divórcio entre os avanços científicos e a reflexão ética fez com que Jonas propusesse novas dimensões para a responsabilidade. Desta forma, Jonas defende a criação de uma teoria da responsabilidade.<sup>8</sup> Ele demonstra também sua aplicabilidade por meio de exemplos de responsabilidades:

- Responsabilidade parental: postula uma emanção de responsabilidade do próprio objeto. Aqui o que exemplifica melhor tal condição é o evento de uma criança, esta não pode ser deixada ao acaso, emana uma responsabilidade a ser assumida por seus genitores ou responsáveis;

---

<sup>7</sup> JONAS. *O Princípio responsabilidade*, p. 18.

<sup>8</sup> JONAS. *O Princípio responsabilidade*, p. 19.

- Responsabilidade do ser humano e do Estado: esta responsabilidade se dá pela auto-imposição, pois uma vez tomada posse ela visa garantir o bem-estar conjunto através de uma identificação temporal e a garantia do futuro da sociedade humana.

Dentro desses exemplos se pode perceber os resquícios da séria crítica que Hans Jonas faz aos modelos de antropologias idealistas:

- Utopia baconiana: o autor ataca essa utopia pois ela visa a dominação da natureza como via de poder e de acúmulo de saber, logo será necessário um poder que esteja sobre o poder para evitar os abusos e assim por diante, num círculo de dominação sem fim;
- Utopia marxista: esta supõe a utopia baconiana e visa um ser humano futuro, pós-revolucionário e domesticado, o que para Jonas é inconcebível, uma vez que, o ser humano já o é desde sempre com todas as suas ambiguidades;
- Princípio da esperança (Ernest Bloch, 1885-1977): este princípio promulga um futuro de prazeres e de festa para o ser humano. Jonas caracteriza tal ser humano de "homínculo da futurologia tecnológico-social", pois, para o autor, o progresso dos desafios sempre acompanhará a humanidade (satisfação e insatisfação).

A ética da responsabilidade de Jonas terá como característica combater o defeito mais forte e favorecer o lado menos beneficiado pelas circunstâncias. Nesse sentido, tal ética estará sempre ao lado dos fracos contra os fortes e dos que aspiram contra os que já possuem. Nos tempos atuais, quando se observa o ser humano e o planeta perigosamente ameaçados, a reflexão de Hans Jonas é extremamente pertinente e iluminadora. Só uma ética que responsabilize a todos pode cumprir o papel de apontar os valores e os fins a serem perseguidos e utilizar os meios como aquilo que realmente são, sem transformá-los em fins em si mesmos.<sup>9</sup>

Não há dúvidas de que a responsabilidade é o princípio primordial e norteador deste momento da história de utopias caídas e novos paradigmas levantados, no qual o ser humano busca desesperadamente categorias que o ajudem a continuar vivendo uma vida digna e que continue merecendo o nome de humana.

A reflexão de Jonas apresenta elementos que se aproximam da tradição teológico-cristã. Jonas desenvolve uma reflexão filosófica, preocupado com o

---

<sup>9</sup> JONAS. *O Princípio responsabilidade*, p. 19.

desenvolvimento tecnocientífico e biotecnocientífico quando esses perdem o domínio, o contato e a responsabilidade com a vida no futuro. A teologia cristã elabora o tratado sobre a criação, a redenção, a escatologia, a antropologia teológica, teologia moral entre outros. Nesta perspectiva, a tese aqui proposta quer aprofundar o tema, fazendo a passagem da heurística do temor (conceito desenvolvido por Hans Jonas) à práxis do amor.

### 1.3.

#### **A reflexão teológica a partir de José Ignacio González Faus**

A obra de González Faus “Proyecto de Hermano – Visión Creyente del Hombre” brota da paixão pelo ser humano perdido em busca da fonte que o torna humano, ou seja, o Amor - fonte de fraternidade – experiência do se sentir filhos do mesmo Pai. Este ser humano perdido traz em si sinais de contradição, e quiçá seja ele mesmo contraditório. Mas suas contradições podem ser uma forma de respeito, uma renúncia ao poder, uma chamada a essa maneira de olhar que conhece por comunhão e não por domínio.

Esta obra brota de uma fé que está em continuidade com a tradição bíblica e que é vivida na Igreja. Na sua construção temática tenta desenvolver de maneira mais sistematizada e mais fundamentada o que a teologia cristã ensina sobre o ser humano, não acrescentando nada às diversas determinações humanas que outros saberes descobrem e estudam. No que toca a estas determinações materiais, a fé cristã não difere de qualquer saber antropológico. Mas em contrapartida, acrescenta que todas essas determinações humanas estão atravessadas por uma dupla contradição, em que reflete a verdade mais profunda do ser humano: visto desde a fé cristã, o ser humano é por sua vez, criatura e imagem de Deus, mas também, pecado e graça.

Assim, entende-se que a aliança entre teologia e antropologia não é uma aliança entre estranhos. Só em Cristo se afirma absolutamente o ser humano e só em Cristo se dá ao ser humano a possibilidade de aceitar seu ser com tudo aquilo que este ser implica, uma vez que sendo aceito incondicionalmente tal como ele é na realidade, é ao próprio Deus que se aceita.

Desta maneira, a obra de José Ignacio González Faus “Proyecto de Hermano – Visión Creyente del Hombre”, tenta buscar com muita fidelidade o

eixo da sua antropologia teológica, destacando a contradição do ser humano, superada pela graça. É evidenciada a pessoa de Jesus Cristo – o Filho de Deus – como o grande paradigma, revelador da condição humana na sua contradição e na sua própria superação pela graça.

#### 1.4.

#### **A Bioética como caminho da interlocução teológica**

A reflexão sobre bioética não é nova. Pode-se dizer que há séculos ela é realizada; porém, enquanto disciplina, isto é, dotada de um referencial epistemológico próprio, seu nascimento se dá no início dos anos de 1970, no século passado.

O conceito de bioética nasceu nos Estados Unidos há cerca de quarenta anos com base nas obras de um norte-americano, pesquisador e professor na área de oncologia, chamado Van Rensselaer Potter. Nelas, ele procura chamar a atenção da comunidade científica para a necessidade da criação de uma nova disciplina que combine os conhecimentos biológicos com os valores humanos, constituindo-se em uma ponte entre estas culturas (a científica e a humanística).<sup>10</sup>

Potter exprime uma sabedoria que naqueles anos era difusa – o progresso técnico-científico apresenta a possibilidade de melhorar as condições de vida, mas também de destruir a humanidade. O motivo mais evidente de preocupação surge diante do fato de que, mesmo que uma pesquisa tenha como resultado uma boa utilização, existe a possibilidade de autodestruição, pois ela pode modificar, junto ao processo de industrialização, a vida de todo o planeta.<sup>11</sup> Ele sentia a urgência de um novo saber que fosse capaz não apenas de explicar os fenômenos naturais, mas também que permitisse usar sabiamente os conhecimentos técnico-científicos a favor da sobrevivência da espécie humana e para melhorar a qualidade de vida das gerações futuras.<sup>12</sup>

O neologismo “bioética” nasce da junção de dois termos: *bio*, que significa vida, e “ética”, que vem de *ethos*, isto é, o lugar. Pode-se sinteticamente

<sup>10</sup> LUCATO, Maria Carolina; RAMOS, Dalton Luiz de Paula. Bioética – histórico e modelos. In: RAMOS, Dalton Luiz de Paula. *Bioética. Pessoa e Vida*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009, p. 17.

<sup>11</sup> PESSINA, A. *Bioetica. L'uomo sperimentale*. Pavia: Bruno Mondatori, 1999.

<sup>12</sup> SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética I*. São Paulo: Loyola, 2002.

conceituar bioética como um estudo teórico-prático, interdisciplinar, cujo objetivo é responder aos desafios morais que a aplicação da tecnologia traz ao desenvolvimento da vida, à saúde e ao meio ambiente.

Refletir sobre bioética significa repensar as principais convenções e os atos que levaram a civilização a chegar aonde está. A bioética exprime um momento crítico caracterizado por uma quebra da confiança na capacidade de autorregulação dos processos tecnológicos e pela insatisfação nos confrontos de alguns critérios morais que são o pano de fundo da pesquisa e do processo científico.<sup>13</sup>

A bioética entra em cena para a defesa da vida. No entanto, nada mais importante, mas ao mesmo tempo, mais vago e mais amplo do que a vida. Desse modo, a bioética se apresenta de maneira aberta e se articula com diferentes temas. Por outro lado, há certas áreas especificamente iluminadas pela reflexão da bioética, áreas nas quais, se ela faltar, ficará o vazio, pois ali outras disciplinas não conseguem chegar.<sup>14</sup>

Para que a bioética se afirme como uma ciência, é necessário reforçar a compreensão de seu objetivo específico, ou seja, é necessário chegar a uma definição em que seu objeto específico seja delimitado. Nesse esforço, Guy Durant recolheu a contribuição de François Malherbe: “A bioética é o estudo das normas que devem reger nossa ação no domínio da intervenção técnica do homem sobre a sua própria vida”.<sup>15</sup> Aproxima-se, assim, de um objeto mais específico para a bioética – uma avaliação ética do impacto que a intervenção técnica causa sobre a vida humana.<sup>16</sup>

Qualquer fórum de discussão em bioética caracteriza-se por quatro aspectos fundamentais: humanismo secular; reflexão interdisciplinar; pluralismo de opiniões; crítica de posicionamento de autoridade.<sup>17</sup> Trata-se de um modo de proceder, à primeira vista, válido e necessário para o debate numa sociedade que é pluralista em suas opiniões morais. O teólogo precisa aprender a lidar criticamente com esses aspectos e a inserir sua contribuição nesse contexto cultural. Mas estas

---

<sup>13</sup> LUCATO; RAMOS. Bioética – histórico e modelos, p. 18.

<sup>14</sup> SANCHES. *Bioética ciência e transcendência*, p. 18.

<sup>15</sup> DURAND, Guy. *A bioética: natureza, princípios, objetivos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 25.

<sup>16</sup> SANCHES. *Bioética ciência e transcendência*, p. 21.

<sup>17</sup> CADORÉ, B. Le théologien entre bioéthique et théologie: La théologie comme méthode. In: *Revue des Sciences Religieuses* 74 (2000), p. 114-129.

características podem ter uma interpretação ideologizada e unilateral. O teólogo exerce sobre este aspecto um papel de questionamento.<sup>18</sup>

A teologia pode contribuir para a bioética em três âmbitos: na especificidade da reflexão ética, na concepção de ser humano subjacente às intervenções biotecnológicas (antropologia) e no modo do ser humano relacionar-se com a natureza (ecologia). O teólogo acrescentaria nesta reflexão a perspectiva sistêmica caracterizada sempre mais abordagens de problemas complexos como são aqueles enfrentados pela bioética.

Pensar sistemicamente uma questão é pensá-la a partir do conjunto de elementos em interação mútua que configuram a realidade na qual emerge o desafio ético. Assumir o paradigma da complexidade implica três aspectos: a interatividade entre os elementos de um conjunto, fazendo com que o todo seja mais que a soma das partes; o não fechamento do sistema sobre si mesmo, estando numa interatividade com outros sistemas; a inexistência de sistemas em estado bruto, porque sempre incluem decisões do sujeito.<sup>19</sup> Desta maneira, o teólogo pode ser o facilitador dessa perspectiva ética sistêmica no debate, porque essa perspectiva está inscrita no próprio coração da moral cristã pela vida trinitária.<sup>20</sup>

## 1.5.

### Metodologia

A ética da tecnologia não deve ser considerada simplesmente em função da fase aplicativa, mas também em sua insuficiência radical, em sua ambivalência teleológica, em sua dinâmica de saber-poder, que aumenta cada vez mais e, portanto, também em sua fase elucidativa. Dessa forma, a tecnologia exige ser completada e ter sua referência numa antropologia global, na qual possa encontrar o seu papel ao lado das outras dimensões do ser humano – o essencialmente humano, com as ambivalências e oposições características do mistério de sua liberdade, a que pertencem às experiências de fortúnio e infortúnio, prazer e dor, bem e mal, nas quais se desdobra a epopéia humana em sua história. A

---

<sup>18</sup> JUNGES, José Roque. As Interfaces da Teologia com a Bioética. In: *Perspectiva Teológica*. 37 (2005), p. 110.

<sup>19</sup> MORIN, Edgar. *O método*. As 4 ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2001.

<sup>20</sup> JUNGES. As Interfaces da Teologia com a Bioética, p. 113.

preservação de tal essência constitui o dever basilar da ética e da teologia ao tratar da responsabilidade e da vida.<sup>21</sup> Aqui se encontra a justificativa para a reflexão teológico-moral a que esta tese se propõe.

Nesta perspectiva surgem as seguintes questões que se tornam hipóteses da tese: Como a práxis cristã a partir do seu agir moral dialoga com o mundo tecnocientífico diante do avanço das biotecnociências? É possível a experiência cristã contemplar esta nova realidade?

O tema a ser abordado por esta tese quer analisar o impacto dos avanços da tecnociência, da biotecnociência diante do novo agir humano. Desta forma, as reflexões de Hans Jonas se apresentam como elementos de aproximação desta realidade. A partir destes elementos centrais da reflexão de Hans Jonas se fará um estudo teológico-moral. Assim o título da tese será: **Da heurística do temor à práxis do amor. Estudo teológico-moral sobre “O princípio responsabilidade” em Hans Jonas.**

O objetivo desta tese é fornecer à teologia moral com o que já tem de mais original – a própria revelação cristã – o seu depósito da fé com a sua rica reflexão (estudo teológico-moral) sobre “O princípio responsabilidade” de Hans Jonas. Isto facilitará o diálogo com o horizonte dos avanços da tecnociência e da biotecnociência e com suas implicações através da mediação da bioética. Eis aí o grande desafio para um estudo que detecte os impasses, as possíveis alternativas e os desafios que a boa-nova cristã oferece para um mundo historicamente novo: fazer a passagem urgente, porém consciente, da heurística do temor à práxis do amor.

Temos clareza que há dificuldades ao se defrontar com este tema hoje. E é isto que procuraremos confrontar e apontar uma possibilidade, dando uma contribuição ao estudo teológico-moral por intermédio desta tese. Trata-se de uma dificuldade sentida, compreendida e definida pelos moralistas e que necessita de uma resposta, mesmo que seja provável, suposta e provisória.

O teólogo moralista pode ser um facilitador dessa perspectiva ética sistêmica no debate. O Deus cristão é, ao mesmo tempo, unidade e diversidade, sem fusão nem confusão, imanente e transcendente, divino e humano, histórico e eterno. Essa concepção sistêmica do Deus cristão que conjuga unidade e diferença

---

<sup>21</sup> JONAS, Hans. *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*. Frankfurt am Main, 1979.

irá determinar uma compreensão complexa, isto é, uni-diversa do próprio cristianismo. Nesse sentido, a autêntica moral cristã sempre soube conjugar graça e liberdade, princípios/valores e circunstâncias históricas, norma universal e caso singular. No cristianismo não existe a alternativa entre Deus ou o ser humano; Pai ou o Filho ou o Espírito Santo; nem entre a autonomia e a teonomia; não se pede para escolher entre o universal ou o particular ou o singular; entre este mundo ou o outro; entre o corpo ou o espírito; a revelação não distingue o homem de Deus nem o Pai do Filho para melhor relacioná-los.<sup>22</sup>

Aproximando o pensamento de Jonas ao estudo teológico-moral, o conteúdo desta tese ficou desenvolvido em três capítulos e uma conclusão. Das três obras de Hans Jonas (“O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”; “O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica”; “Técnica, medicina y ética: sobre la práctica del principio de responsabilidad”), “O princípio responsabilidade” será a bibliografia básica para o nosso estudo. As outras fontes bibliográficas assim como os comentadores de Hans Jonas, fornecerão os elementos de aproximação da realidade e de melhor compreensão do pensamento do autor. O estudo teológico-moral será elaborado a partir das reflexões de Karl Rahner, José Ignacio González Faus, Mario de França Miranda e dos documentos eclesiais.

O primeiro capítulo tratará da natureza modificada do agir humano e da biotecnociência como um horizonte em construção.

Neste capítulo se dará um destaque ao pensamento de Hans Jonas no que se refere à tendência que o ser humano tem de modificar a natureza do seu agir. As novas faculdades são evidentemente, as da técnica moderna. A partir deste contexto, Jonas proporá questões de princípio e de método como base de compreensão do princípio responsabilidade.

Aqui se configura uma linha tênue. A tese proposta não quer justificar o pensamento de Jonas, pois o mesmo não tem respostas para todos estes desafios, como também, há aspectos do seu pensamento que são questionáveis e já superados. Por isso, o pensamento de Jonas não será abordado nesta tese como uma norma absoluta, mas será apresentado com muita fidelidade, apontando

---

<sup>22</sup> JUNGES. As Interfaces da Teologia com a Bioética, p. 119.

possibilidades de um horizonte real que deverá ser construído com cuidado e responsabilidade.

Ao longo do pensamento de Jonas se abordará o horizonte da biotecnociência/biotecnologia dividido em três partes e uma conclusão, assim desenvolvidas: a tecnologia como vocação da humanidade com seus desafios, riscos e oportunidades tecnológicas e econômicas, em prol do cuidado e da qualidade de vida em todos os seus aspectos; genes – o “ouro” do horizonte biotecnocientífico; o DNA - como todas as grandes revoluções, as tecnologias da era da informação representam um novo veículo poderoso para transformar o mundo natural assim como para coordenar e administrar a atividade econômica que surge dele. Caberá à conclusão o confronto dos avanços biotecnocientíficos tão necessários, mas também, salvaguardando a dignidade humana.

O segundo capítulo estará dividido em duas partes e uma conclusão confrontando a teoria da responsabilidade, a biotecnociência e o ser humano. O capítulo assim será disposto em a responsabilidade como horizonte do futuro – progresso biotecnocientífico e antropologia; algumas fronteiras éticas particulares das aplicações biotecnocientíficas; conclusão.

Ao longo da primeira parte desse capítulo continuará a ser desenvolvido o pensamento de Hans Jonas na perspectiva única de elaborar a teoria da responsabilidade: o horizonte do futuro. Quanto à segunda parte, será a interpretação do seu pensamento; já nesse momento, delineando algumas fronteiras éticas. Caberá a conclusão constatar a experiência tantas vezes apontada do ser humano como contradição dinâmica.

O terceiro capítulo estará dividido em três partes e uma pequena conclusão. O próprio título do capítulo “Da possibilidade do temor a uma prática gerada pelo amor: impasses, alternativas e desafios”, já delineia o caminho a ser feito. A precaução desenvolvida por Hans Jonas é reinterpretada aqui sob o olhar teológico do pecado; dessa forma o ser humano é também um potencial, quando movido pela graça (e não pelo pecado) enquanto amor. Esse horizonte de interpretação abre perspectivas para a percepção dos impasses, alternativas e desafios.

A primeira parte estará dividida em dois grandes momentos revelando a contradição humana enquanto prática negativa daquilo que o ser humano não é chamado a ser pecado – a possibilidade (heurística) do temor. Mas, este ser

humano naturalmente é chamado pela graça a viver uma prática gerada pelo amor enquanto responsabilidade. Para falar da possibilidade (heurística) do temor, é preciso teologizar com a linguagem do pecado. Porém, o ser humano é capaz de reverter este processo pela graça – é a forma de teologizar o princípio responsabilidade como prática do amor.

A segunda parte detectará e desenvolverá os impasses na conjugação do imperativo tecnológico e as dimensões da responsabilidade; a forma que esta responsabilidade se dará pela natureza extra-humana; o ser humano como criador da técnica, pode se tornar objeto da tecnociência (criatura).

A terceira parte desenvolverá como alternativas e desafios a busca de uma ética de transcendência e o desafio de ver na bioética uma contínua transcendência. Não há dúvidas, uma rica alternativa é a contribuição da ética cristã. Nesta perspectiva, o grande desafio para a teologia é tornar-se uma teologia pública que consiga dialogar com estas questões. A teologia tem um lugar insubstituível inter/transdisciplinar neste diálogo que se dará pela bioética. Daí, com certeza, surgirão novas questões de fronteira. Caberá a conclusão constatar a necessidade da recuperação da humildade humana.

A conclusão da tese apontará o grande desafio gerado pelas biotecnociências. Neste contexto, diante dos riscos comportados pelo uso arbitrário dos novos conhecimentos, e partindo-se de uma consideração da ciência como necessariamente indissociável do âmbito da ética, construiu-se uma particular noção de responsabilidade: a responsabilidade do cientista para com a sociedade, e a responsabilidade da sociedade de hoje para com a sociedade de amanhã.

Nessa perspectiva destaca-se o pensamento de Hans Jonas, um filósofo que se entregou à tarefa de difundir seus ensinamentos, tal qual um profeta, sempre defendendo a esperança de salvação para a humanidade no encontro do ser humano com a responsabilidade.<sup>23</sup> A ideia de um princípio responsabilidade frente aos avanços da ciência, pretende superar as insuficiências da ética tradicional frente às espantosas promessas (e realizações) da ciência, voltando o olhar para o futuro, cujo imperativo consiste no dever de consideração dos efeitos

---

<sup>23</sup> SIQUEIRA, José Eduardo de. *Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio responsabilidade de Hans Jonas*. In: SIQUEIRA, José Eduardo de. *Ética, ciência e responsabilidade*. São Paulo: Loyola e Centro Universitário São Camilo, 2005, p. 190.

de uma ação em longo prazo e na necessidade de que a humanidade continue sempre a existir.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> MÖLLER, Letícia Ludwig. Esperança e responsabilidade: os rumos da bioética e do direito diante do progresso da ciência. In: MARTINS-COSTA, Judith; MÖLLER, Letícia Ludwig. (org.). *Bioética e responsabilidade*. Rio de Janeiro: GEN e Companhia Editora Forense, 2009, p. 31.